

Correspondência Incompleta - uma reflexão sobre a recepção do espetáculo infanto-juvenil “Miúda e o guarda-chuva”

Paula Alice Baptista Borges
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UFBA
Doutoranda – Teatro e Recepção – Or. Prof. Dr. Cláudio Cajaíba
Bolsa CAPES
Atriz, diretora, dramaturga, dançarina e professora.

Resumo: O objetivo deste trabalho é empreender uma metaleitura, uma compreensão dos modos de ler os produtos destinados à infância, através das perspectivas de alguns leitores/espectadores do espetáculo infanto-juvenil “Miúda e o guarda-chuva”, escrito e dirigido por mim, em parceria com Victor Cayres, em 2009. Os interesses decorrentes disso pretendem reler a produção artística em questão a partir da produtividade da leitura do outro, contribuir para a ampliação de repertório crítico sobre o teatro produzido para a infância, fomentar a discussão sobre o teatro infantil produzido por outras esferas culturais, discutir a manutenção de certos modelos instituídos e legitimados nas produções infantis e refletir sobre o papel do leitor como constante colaborador/criador daquilo a que assiste.

Palavras-chave: Teatro Infantil – Recepção – Leitura – Crítica Cultural

O Teatro Infantil é muito pouco explorado como campo de experimentação e pesquisa no Brasil. A bibliografia sobre o assunto além de escassa não investe em um olhar crítico que reposicione as produções artísticas voltadas para a criança, repensando modos de criação e circulação, formas de recepção, entre outros aspectos tão comuns na pesquisa voltada para a produção adulta.

O objetivo deste trabalho é empreender uma metaleitura, uma compreensão dos modos de ler os produtos destinados à infância, através das perspectivas de alguns leitores/espectadores do espetáculo “Miúda e o guarda-chuva”. Os interesses decorrentes disso são os de reler a produção artística em questão a partir da produtividade da leitura do outro, contribuindo assim para a ampliação de repertório crítico sobre o teatro produzido para a infância, na busca de refletir sobre a manutenção de certos modelos instituídos e legitimados nas produções infantis e afirmar o papel do leitor como constante colaborador daquilo a que assiste.

“Miúda e o guarda-chuva” é o título de um conto que escrevi sobre uma moça que convive com uma planta carnívora de estimação, sua vizinha, Inércia, e o carteiro, seu Zé, que sempre vem visitá-la. Ela adora as formigas que vivem no verde ao redor de sua casa e lamenta ter que interromper seus caminhos para alimentar sua planta carnívora que só come formigas. A certa altura, as formigas bolam um plano secreto para alertar Miúda sobre o fato de que não querem mais servir de comida para a planta. Mas essa equação só se “resolve” nos ecos da criação de quem vê. Este conto foi adaptado para o teatro, em

parceria, por mim e Victor Cayres, com os apoios financeiros da FUNCEB e da FUNARTE e, mais tarde, juntos, adaptamos a peça para um episódio-piloto de série de animação, através do ANIMATV, em parceria com a Santo Forte Imagem e Conteúdo.

Desde o processo de criação dramatúrgica de *Miúda*, a percepção infantil e, principalmente, o tipo de conexão que as crianças criam a partir do que assistem e vivem foram de extrema importância para a elaboração narrativa. Para tal, realizamos uma Oficina de Investigação de Linguagem, na qual compartilhamos com algumas crianças do Colégio Oficina, instituição onde eu trabalhei como professora de Teatro, doze horas de jogos, leituras, desenhos, filmes que nos remetessem à potência criativa das crianças no trato com a metáfora, forte aliada na recriação da atmosfera do conto em outras mídias.

No domínio da montagem, diversas preocupações tangenciaram os ensaios no tocante à percepção infantil da linguagem da peça. Seja aderindo às ideias propostas pela peça, seja estranhando e/ou refutando tais ideias, o que fica evidente é que *Miúda* contorna e se instala sobre um problema fundamental do teatro produzido para crianças: O que norteia a ideia da produção infantil é a expectativa da criança e de suas possibilidades de leitura ou a expectativa do que o adulto julga ser a expectativa da criança? Ou ainda, tendo em vista que decodificar frases/imagens é diferente de produzir leitura sobre frases/imagens, como se comportam os criadores, os meios de produção, os pais e professores, diante de obras que exijam diferentes esforços de compreensão?

O início dessa minha reflexão/provocação recorta, primeiramente, alguns documentos relacionados à recepção da peça, a saber: uma crítica publicada no jornal "A Tarde", assinada pela jornalista Eduarda Uzeda, uma postagem de blog de uma mãe, Mariana Machado de Sá, que levou uma pequena trupe ao teatro, e um email pessoal de um grande amigo meu, Icaã Simões. É a partir da montagem teatral "*Miúda e o guarda-chuva*" que pretendo "me insinuar sub-repticiamente"¹ através dos discursos produzidos sobre ela.

A crítica de Eduarda Uzeda intitulada "Texto melancólico e metafórico em montagem pretenciosa" foi publicada no jornal "A Tarde" em outubro de 2009. A seguir um fragmento dessa crítica:

A trilha sonora de Ronei Jorge e Luciano Simas é a melhor coisa do espetáculo infanto-juvenil "*Miúda e o guarda-chuva*" [...] A montagem é monótona e tem poucos momentos que empolgam as crianças. [...] O texto não é muito claro para as crianças (e adultos também). Ao sair do espetáculo, não se entende bem o que o espetáculo quer comunicar. [...] Há frases ditas por ela, como "estou cansada da travessia das palavras" e "é melhor amar aquilo que corta do que não amar nada" (ela ama a planta que

¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

a morde), que sinalizam para um estado melancólico da personagem solitária, que tem uma existência enfadonha. Em dado momento a personagem vê no traseiro das formigas a frase “Miúda e o guarda-chuva” e fica intrigada com isso boa parte do tempo. E no final ela entra em contato com outra frase: “Puro açúcar branco e blue” (de uma poesia de Ana C.), que soa como uma revelação. O público que faça, então, as suas conexões.[...] A direção do espetáculo celebra a parceria de Victor Cayres e Paula Lice, que apostam em poucos elementos na cena numa estrutura minimalista. Pecam por não imprimirem maior movimentação à peça infantil e não tornarem claros aspectos do texto do ponto de vista cênico. A impressão que se tem é que se dirigem não para um grande público, mas para uma tribo de amigos que têm familiaridade com o pensamento dos dois. (UZEDA, 2009)

Uzeda traz em sua fala marcas que tocam em diversos aspectos problematizados por uma perspectiva contemporânea de pensamento. De maneira geral, a arte produzida sob o rótulo de contemporânea tende a assumir uma postura menos descritiva e mais reflexiva. Mas afora as celeumas do pensamento contemporâneo nas artes, fica nítida a expectativa frustrada da jornalista ao procurar em Miúda parte do elenco de adjetivos que compõem o seu leque referencial sobre infantis. Falta clareza, falta comunicação e falta movimentação.

Em outro depoimento, dessa vez de Icaã Simões, meu referido amigo, advogado, pai de uma linda garota e grande professor de teatro para crianças, também é nítida a distância entre o que se espera de um infantil e a percepção do que Miúda traz.

Acho que vcs criaram um belo Texto, repleto de poesias, tem um bom elenco em cena, mas acho que a proposta de ser um espetáculo infantil é muito distante da realidade das crianças de hoje... Infelizmente estamos vivenciando um mundo de imagens prontas, histórias concretas, quite completo, e o maior reflexo disso é quando pergunto para minha filha se ela gostou ou entendeu o espetáculo, ela me responde, - mais ou menos meu pai, não teve muita graça que não teve história... Forcei a sua cabeça a pensar...-Mas teve uma história sim, a peça falava de uma menina que tinha uma planta, e ela pegava formigas para alimentar a planta...E então ela me interrompeu...Ah meu pai eu sei, mas eu não gostei desta história, nem sei o que estava escrito no guarda-chuva? Foi então que percebi que havia alguns elementos que ela tinha notado na peça e que a fizeram reagir daquele jeito, recordei de como vocês criam situações na peça e a própria consequência, por ser poética e não descritiva, como estamos acostumados a ver, distancia a criança de uma percepção de uma mensagem, ou uma história... [...] Pessoalmente eu gostei de muita coisa, mas acho que o espetáculo ainda carece de alguns ajustes para que vcs consigam um melhor resultado com o público, falo público de uma forma geral, pois vi que o espetáculo tem potencial enorme de encantar as pessoas e surpreendê-las, mas é muito perigoso fazer esse tipo de peça em que coloca os adultos e as crianças para pensar demais, o povo detesta... Infelizmente Marluce e Bruna não gostaram e não recomendam a ninguém, elas são a referência que você tem que ter de público, isento, que sai de casa para ver uma peça em cartaz e que te valorizará como artista, mas que quando não encontra

no programa algo que lhe agrade, não lhe indica nem para o seu pior inimigo... (SIMÕES, 2009)

A fala de Iocaã Simões aprofunda a discussão no que tange não só à expectativa criada em torno de uma produção que se autointitula como “infantil”, mas no tocante às mediações da obra artística por parte de pais e professores, Marluce, além de mãe de Bruna e esposa do meu amigo, é também professora voltada para a educação infantil.

Na contramão desses discursos, a postagem do blog “Vou e Volto”, de Mariana Machado de Sá:

Meu deus, para onde eu tinha arrastado aquelas oito almas? Sem esquecer outra amiga que ia levar a filha para ver o cenário da barbie num shopping e eu “sugeri” a peça! Onze almas naquela plateia arrastadas por mim! Que loucura! Mas a descrição do caderno cultural me pareceu uma peça infantil! Esperei os acontecimentos, ansiosa pelas cenas de humor, de música e de mágica... Mas logo percebi que não ia rolar... Adorando a peça, esperava pelas vozes das meninas: “tá chato, quero ir embora”. Esperei, mas não ouvi. [...] Terminada a última cena, as palmas e os agradecimentos dos atores, descemos, cumprimentamos Miúda e saímos... Perguntei: e aí, gostaram? As respostas foram surpreendentes: adoooooooooooooamos! em coro. Uma gostou da planta, outra do vestido de Miúda, outra de Inércia com os patins e a outra dos suspensórios do velhote que sapateava. E foram comentando os acontecimentos... [...] A peça é louca, mas a peça é infantil, sim. Não só elas, mas quase todas as crianças ficaram e sorriram. Meus preconceitos adultos não podiam me deixar perceber o que naquela peça podia chamar a atenção das crianças. Mas a diversão pode ser introspectiva, porque não? Nos acostumamos a achar que alegria só pode ser a do carnaval, a das cores vibrantes, a da música alta, a do ritmo frenético, a das luzes fortes. Elas gostaram da peça. Elas perceberam a beleza da melancolia, a doçura da dor, a sutileza do texto, a discrição das sombras, o cuidado dos figurinos e a graça de Miúda, que olha para o chão, que não consegue ver, que mantém lembranças, que é melhor não ter. (SÁ, 2009)

Confesso que a leitura da postagem de Mariana de Sá foi um alívio em meio às repercussões anteriores. “É preciso aproximar-se da infância como um problema, não como uma evidência”². E é nesse sentido que, desconfiando das visões instituídas sob o rótulo “infantil”, me propus a investigar de forma propositiva o universo tido como infantil, primeiro pela via artística e, agora, com pesquisadora no Doutorado, pela via dos discursos produzidos sobre a peça, na tentativa de fotografar um momento do imenso tecido discursivo fragmentado que é a recepção:

² HANSEN, Laura. A invenção da criança. In: *Mente e Cérebro – O mundo da infância*, no 20. São Paulo: Editora Duetto, 2009.

“a ‘infância’ não é um intervalo cronológico natural, mas uma categoria constituída por um sistema normativo, que lhe atribui características, competências e funções precisas de acordo com o sistema de classificação das idades que cada sociedade associa a seu próprio sistema valorativo.”³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMAROTTI, Marco. *A Linguagem no Teatro Infantil*. Recife: Ed. Universitária da UFEPE, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GAGLIARDI, Mafra. Recepção Infantil da obra teatral. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, [171 : 74 a 77, jan./abr. 2000

GAGLIARDI, Mafra. O Teatro, a Escola e jovem espectador. In: *Revista do curso de gestão de processos comunicacionais*, São Paulo, v. 5, n. 13, p.67-72, set./dez. 1998.

HANSEN, Laura. A invenção da criança. In: *Mente e Cérebro – O mundo da infância*, no 20. São Paulo: Editora Duetto, 2009.

UZEDA, Eduarda. Texto melancólico e metafórico em montagem pretensiosa. In: *A Tarde*. Data de publicação: 08/10/2009.

SÁ, Mariana Machado de. Miúda e o guarda-chuva. In: *Vou e Volto*. Endereço eletrônico: <http://vouevolto.wordpress.com>. Último acesso: out. 2009.

SIMÕES, Iocã. Email enviado em 30/09/2009.
Site da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Endereço eletrônico: <http://www.capes.gov.br/>. Último acesso em maio/2010.

Site do PPGAC – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

Endereço eletrônico: <http://www.ppgac.tea.ufba.br/>. Último acesso em maio/2010.

³ HANSEN, Laura. A invenção da criança. In: *Mente e Cérebro – O mundo da infância*, no 20. São Paulo: Editora Duetto, 2009.